

O CAMINHO DA HIPOSEGMENTAÇÃO NA ESCRITA

Andreia Cardozo Quadrio (UFRJ)

andreiaquadrio@gmail.com

RESUMO

A pesquisa da dissertação de mestrado, ora em andamento, volta-se para os processos de hipossegmentação na escrita de alunos do Segundo Segmento do Ensino Fundamental, a exemplo de *oque, comedo, porisso, tenque*. Tais registros são comuns na escrita de aluno no Fundamental II, quando se espera que quase todos os problemas ortográficos referentes à segmentação de palavras estejam sanados. O foco do estudo consiste na comparação entre as ocorrências de processos de hipossegmentação na escrita de textos escolares de sujeitos típicos e atípicos. Pretendemos controlar algumas variáveis externas como idade e a variável inerente aos sujeitos, como o tipo de atipicidade, com vistas a verificar a correlação do efeito dos parâmetros em relação aos índices de emergência do processo supramencionado. Os resultados obtidos revelam que: (a) tanto alunos típicos quanto atípicos cometem “erros” classificados na literatura como hipossegmentação, no que concerne ao emprego dos clíticos; (b) é maior a quantidade de emprego do processo na escrita dos atípicos; (c) os sujeitos atípicos realizam a hipossegmentação não somente na formação de palavras prosódicas, conforme os exemplos: *sinporque* e *sotinha*; (d) observa-se a relevância da variável etária: com o avanço da idade, o número de ocorrências tende a diminuir. Buscamos aprofundar a análise de modo a refinar a classificação dos casos de hipossegmentação, com base teórica sólida nas áreas de fonologia e afins, e de verificar a sistematicidade do comportamento de outras hipóteses tal como tipos de atipicidade, sintomas linguísticos apresentados pelos transtornos dos sujeitos da amostra, idade. Por fim, elaboramos atividades de intervenção pedagógica pautadas principalmente nas teorias da fonologia que contribuem para a solução dos casos apurados neste estudo.

Palavras-chave: Hipossegmentação. Atipicidade. Ensino fundamental II.

1. Introdução

Ao completar a primeira fase do ensino fundamental, espera-se que o aluno tenha pleno domínio da ortografia da língua portuguesa, a qual é preminentemente fonêmica, quer dizer que “a escrita procura representar aquilo que é funcional no sistema de sons da língua, isto é, aquilo que possui valor contrastivo” (MIRANDA, 2013, p. 1). No entanto, essa não é uma realidade corrente na escola pública brasileira, uma vez que é progressiva a ocorrência de erros ortográficos, como os casos de hipossegmentação neste estudo investigados.

A hipossegmentação, é decorrente justamente da funcionalidade

dos sons, pois “ao lidar com problemas de segmentação na escrita, as crianças, frequentemente, propõem soluções que parecem estar baseadas no que elas episodicamente tomam como a forma canônica, “preferencial”, da palavra na língua” (ABAURRE, 1991, p. 6), a exemplo de “oque”, “porisso”, “tenque”, “sotinha”, registros comuns na escrita de alunos do sexto ano do ensino fundamental. Esse processo, por outro lado, revela a sua consciência fonêmica, em conformidade com Cunha (2010, p. 16,17),

... os erros cometidos pelas crianças são capazes de revelar aspectos do conhecimento linguístico e, particularmente, do conhecimento acerca dos constituintes prosódicos, os quais são responsáveis por decisões que a criança tem de tomar no momento em que segmenta a escrita.

O foco da pesquisa consiste na comparação entre as ocorrências de processos de hipossegmentação apresentados na escrita de textos escolares de sujeitos típicos e de desenvolvimento atípico.

2. Hipóteses e objetivos

Estabeleceram-se para esta pesquisa as seguintes hipóteses: (a) Tanto alunos típicos, quanto atípicos cometem algumas ocorrências de hipossegmentação em sua escrita no que concerne ao emprego dos clíticos (BISOL, 2007); (b) É maior a quantidade de emprego de hipossegmentação por alunos atípicos; (c) Os sujeitos atípicos realizam a hipossegmentação não somente na formação de palavras prosódicas, mas também em casos além daqueles em que estão presentes os clíticos e (d) De acordo com o avanço do ano de escolaridade, o número de ocorrências tende a diminuir.

No que diz respeito aos objetivos, busca-se uma análise com base na exploração das possibilidades de variáveis e de cruzamento entre atipicidades e tipicidades através de dados detalhados que forneçam justeza e transmitam convicção dos resultados até aqui apresentados. Pretende-se comparar os casos de sujeitos típicos e atípicos, controlando variáveis externas como idade e variável inerente, como o tipo de atipicidade.

2.1. Fundamentação teórica

A hipossegmentação consiste em um processo fonológico refletido na escrita quando palavras são escritas sem se considerar o espaço em branco que as separa.

A proposta de se trabalhar com a hipossegmentação não revela uma preocupação exclusivamente de ordem ortográfica. Entende-se que a segmentação, convencional ou não, intervém na compreensão da leitura e na produção de sentido na escrita dos alunos, como se pode constatar no exemplo “lá tá quente/lata quente”. (PAVÃO, 2005)

Ao inserir-se no universo da escrita, a criança começa a processar associações entre os sons de sua fala e a sua grafia. De acordo com Rego e Buarque (1997, p. 199), “a consciência fonológica contribui principalmente para a aquisição de regras de contexto grafo-fônico”. Daí a importância do desenvolvimento de um trabalho de consciência fonológica eficaz e eficiente ainda no primeiro ciclo do ensino fundamental.

Nessa fase, sobretudo nas três séries iniciais, o aluno se encontra em processo de aquisição da escrita, transpassando para ela aspectos da fala. O aprendiz apresenta dificuldade em colocar os espaços em branco entre uma palavra e outra, demonstrando uma escrita bastante hipossegmentada principalmente quando se trata de palavras prosódicas e frases entoacionais.

Aos poucos, conforme o desenvolvimento do trabalho com a consciência fonológica, espera-se que as ocorrências de hipossegmentação tendam a diminuir.

A aquisição da escrita é um momento particular de um processo mais geral de aquisição da linguagem. [...] o que as hipo e hipersegmentações da escrita infantil espontânea registram de forma evidente é a manifestação de uma certa plasticidade semântica, por elas frequentemente explorada em seu espaço virtual com base em parâmetros rítmico-entoacionais previamente estabelecidos. (ABAURRE, FIAD & MAYRINK-SABINSON, 1997, p. 22)

É preciso que o aluno saiba que as palavras são constituídas por seqüências sonoras para que ele possa aprender a segmentar, perceber que há sons parecidos, associar significados e significantes até chegar o momento em que consiga interpretar a sintaxe e a semântica dos enunciados.

O erro ortográfico revela sobre o aprendizado da criança. Através dele é possível perceber em que estágio de desenvolvimento da consciência fonológica o aluno se encontra. Ferreiro e Teberosky (1999) defendem a ideia de “erro construtivo”, considerando-o fator de fundamental importância para o processo de aprendizagem.

Esta pesquisa se apoia também no conceito de “grupo clítico” introduzido por Bisol (1996, p. 252) “como a unidade prosódica que con-

tém um ou mais clíticos e uma só palavra de conteúdo”.

A segmentação lexical começa a sistematizar-se quando a criança entra para a escola. É mais fácil a criança identificar como palavras os substantivos, os verbos e os adjetivos, sendo as demais classes gramaticais, principalmente os artigos, conjunções, preposições e outros elementos de ligação, consideradas como “não palavras”. Quando a criança não reconhece alguma porção – uma ou duas sílabas – como palavra, a tendência natural é que a associe àquela sequência reconhecida como tal. Esse comportamento faz com que uma grande incidência de hipossegmentações seja encontrada nos textos de séries iniciais. (CUNHA & MIRANDA, 2007)

Abaurre (1987) argumenta que, ao escreverem, os alunos não transcrevem simplesmente sua fala para a escrita. Na realidade, realizam reflexões sobre suas experiências com a fala. Sendo assim, a criança lança mão de suas “reflexões acerca da modalidade oral” produzindo na escrita hipossegmentada os reflexos de grupos tonais.

Em consonância com Mollica (2003, p. 7), o desempenho da criança no letramento, entre outros fatores, está subordinado à “consciência explícita” da influência da relação fala/escrita por parte do educando. No caso dos atípicos, essa noção se torna mais complexa.

2.2. As hipossegmentadas em sujeitos de desenvolvimento atípico

É fato que cresce a cada ano no Brasil a quantidade de alunos com desenvolvimento atípico e cabe às escolas, com o apoio do governo, lidar com as diversidades que lhes são próprias. Conforme Mousinho (2010, p. 10) o diagnóstico não pressupõe situações engessadas. Pelo contrário, deve ser tomado como ponto de partida e não, fim do processo. Dessa forma, a escola e o professor se demonstram abertos para auxiliar seu aluno, buscando estratégias pedagógicas que contribuam para amenizar as dificuldades, de acordo com cada indivíduo e sua atipicidade, promovendo o desenvolvimento intelectual e sociocultural do discente.

Estudos revelam que

...de 5 a 10% das crianças em idade escolar apresentam dificuldades para aprender a ler, inclusive aquelas que possuem inteligência normal, desenvolvem-se interagindo em um meio adequado e apresentam boa oportunidade escolar. (DEUSCHLE & CECHELLA, 2009)

Dessa forma, faz-se necessária a distinção entre dificuldade de aprendizagem – problemas de ordem psicopedagógica e socioculturais – e distúrbio de aprendizagem – problemas intrínsecos do sujeito, como

por exemplo, neurológicos. O primeiro caso envolve os alunos típicos que revelam, na escrita, ocorrências de hipossegmentação, enquanto o segundo abrange os alunos diagnosticados como atípicos (transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, dislexia e outros). Em ambos, percebe-se uma insuficiência no desenvolvimento do processo de consciência fonológica, independentemente do motivo.

De acordo com Stampa (2009), a falta de consciência fonológica pode estar diretamente associada a condições de aspecto cognitivo, o que vem a justificar maior obstáculo no que diz respeito à segmentação convencional por parte dos alunos considerados atípicos. Capovilla e Capovilla (2002) embasam esse conceito quando sustentam que alunos que apresentam alguma complicação de consciência fonológica na fase de aquisição da escrita apresentam atraso no processo de alfabetização.

No que diz respeito à atipicidade, é preciso que um trabalho em conjunto entre professores, neurologistas e fonoaudiólogos seja realizado para se obter os melhores resultados no desenvolvimento intelectual do aluno.

O transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) consiste em um transtorno neurobiológico que aparece na fase da infância, atingindo a idade adulta. Os sujeitos com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade têm sua criatividade consideravelmente desenvolvida e são considerados bastante inteligentes e intuitivos, embora nem sempre consigam colocar em prática toda sua capacidade. Em muitos casos, descobre-se que uma criança apresenta o transtorno na fase escolar, quando fica mais perceptível sua dificuldade comportamental, de concentração, sua ansiedade e até mesmo pela sua escrita.

[...] portadores de TDAH apresentam lentificação na tarefa de decisão lexical de palavras em relação às crianças sem o transtorno. Conjetura-se que no quadro do TDAH haja alguma espécie de comprometimento de ordem linguística, mesmo que este não cause comprometimento funcional. (ALBUQUERQUE, 2003, 2008, p. 18)

Para Albuquerque et al (2012), a memória de trabalho do sujeito diagnosticado transtorno de déficit de atenção e hiperatividade pode ser afetada por motivos intrínsecos. Segundo Smith e Geva (2000), “a memória operacional é um mecanismo cognitivo que nos permite manter ativa uma limitada quantidade de informação (em torno de 5 a 7 itens) por um breve período de tempo”. Essa característica pode vir a consubstanciar maior número de ocorrências de hipossegmentação por sujeitos portadores de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade em com-

paração a sujeitos considerados típicos, dado que a memória de trabalho é um dos fatores responsáveis pela aquisição da escrita, pela aprendizagem da ortografia, pela leitura. Dessa forma, o processamento linguístico do sujeito com essa atipicidade fica comprometido, assim como suas habilidades comunicativas (LIMA & ALBUQUERQUE, 2003). O transtorno de déficit de atenção e hiperatividade é apenas um dos transtornos que acometem parte significativa dos estudantes atualmente.

Outra atipicidade frequentemente encontrada é a dislexia, sobretudo se se considerar que há sujeitos diagnosticados com déficit de aprendizagem, que, no entanto, assumem características muito próximas às do disléxico, uma vez que o déficit está, geralmente, relacionado à capacidade de leitura e escrita do aluno.

De acordo com Pereira (2008, p. 18), a criança com dislexia apresenta um quadro de "...déficit na rota fonológica de leitura, o que faz com que a velocidade de decodificação seja lenta e muitas vezes ineficiente, resultando em uma produção oral silabada, com trocas de letras, inversões de letras na palavra...", o que acaba refletindo na escrita que se apresenta em determinados casos bastante hipossegmentada.

Salienta-se ainda que independente da origem e/ou dos motivos da escrita hipossegmentada dos alunos pertencentes ao segundo ciclo do ensino fundamental, é mister que um trabalho de consciência fonológica seja desenvolvido em sala de aula, principalmente em se tratando de alunos atípicos, auxiliando esses estudantes na aquisição da escrita ortográfica, conseqüentemente, nos processamentos morfológicos e sintáticos e, por fim, na capacidade de compreensão da leitura. No capítulo "Intervenção pedagógica", propõem-se atividades que buscam o desenvolvimento da consciência fonológica, objetivando melhor desempenho dos estudantes.

3. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa quantitativa e qualitativa em tempo aparente.

3.1. Constituição da amostra e contexto de pesquisa

Como método de trabalho, começa-se o estudo pelo levantamento de quantos e quais alunos são considerados com algum desenvolvimento atípico comprovado com laudos por profissionais especializados – médi-

cos neurologistas e fonoaudiólogos. Em seguida, dá-se prosseguimento à pesquisa através da coleta de dados por meio de textos dos alunos do sexto ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Petrópolis, região serrana do estado do Rio de Janeiro, com o objetivo de estabelecer uma comparação entre os alunos típicos e os alunos com algum desenvolvimento atípico.

Na sequência, realiza-se uma apuração dos dados distribuídos primeiramente em um gráfico que demonstra o percentual geral de aplicação de hipossegmentadas por sujeitos típicos e atípicos. Em seguida, apresentam-se gráficos que validam separadamente os percentuais de aplicação por sujeitos típicos e os percentuais de aplicação por sujeitos atípicos. Estabelecem-se tipos de ocorrências de hipossegmentação que possam medir a aplicação da regra no universo de contextos favoráveis como sintagmas nominais com determinante, sintagmas preposicionados, pronomes oblíquos com verbos hospedeiros e conectores.

Após o apuramento de todos os dados e o estabelecimento da relação das diferenças entre típicos e atípicos de acordo com as tipicidades definidas para este estudo, busca-se controlar a variável etária dentro da mesma série do ensino fundamental.

3.2. Os sujeitos de pesquisa

Colheram-se amostras de cinquenta e dois alunos em sete rodadas de atividades, sendo entre os discentes seis diagnosticados com desenvolvimento atípico, dentre os quais: dislexia, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) e déficit de aprendizagem.

Procurou-se apurar o efeito da variável etária, com o intento de se verificar a frequência dos casos de hipossegmentação, conforme a progressão da idade dos alunos típicos e atípicos investigados.

3.3. Estudo de caso

Optou-se pelo estudo de caso, como metodologia para este estudo, em consonância com a definição de Yin (1984, p. 14) que afirma ser o estudo de caso motivado a partir do interesse em se conceber fenômenos sociais complexos a partir de episódios reais, o que é a situação dos sujeitos investigados, nesta pesquisa, a partir de sua realidade em sala de aula. Para Stake (2000, p. 436), um caso é uma unidade, um sistema cu-

jas partes se integram. Sendo assim, no que diz respeito aos grupos de sujeitos típicos e de sujeitos atípicos investigados, parte-se das características próprias de cada indivíduo até se chegar às características em comum, próprias de cada grupo.

O autor classifica o estudo de casos em: intrínseco – estudo de um caso particular –, instrumental – o estudo se volta para a compreensão do fenômeno de forma generalizada – e coletivo – o estudo é voltado para alguns casos com o objetivo de investigar um fenômeno. Stake afirma que o estudo de caso coletivo contribui para um melhor entendimento dos dados, uma vez que os casos individuais, quando analisados em conjunto, podem apontar para um traço comum.

Dessa forma, esta pesquisa toma como método científico o estudo de caso coletivo na busca de uma análise bem fundamentada do fenômeno investigado, abrangendo aspectos, tanto linguísticos, quanto extralinguísticos, assim como a sua inter-relação, oferecendo dados quantitativos e qualitativos.

3.4. Os procedimentos de análise

No que diz respeito à realização da análise dos dados apurados, procedeu-se da seguinte maneira. Separou-se o material dos alunos típicos e dos atípicos. Em seguida, realizou-se a contagem de ocorrências de hipossegmentadas por tipo de sujeito investigado.

A partir da apuração desses dados, calculou-se a porcentagem de casos por típicos, atípicos, atipicidade e tipicidade, apresentados no corpo deste trabalho, através de gráficos e tabelas. No transcurso da análise, estabeleceu-se um cruzamento entre as faixas etárias e as atipicidades, assim como entre as faixas etárias dos alunos com desenvolvimento atípico e as tipicidades dos dados dos sujeitos analisados.

4. Análise de dados

É notório que tanto alunos típicos quanto atípicos realizam hipossegmentações em algum momento de sua escrita. Com o intuito de investigar as ocorrências de maneira mais substancial, procurou-se separar os dados por tipicidades de hipossegmentação e por atipicidades investigadas.

A pesquisa revelou um índice de 76 % de frequência relativa para os sujeitos típicos comparável a 100% de frequência estimada para os sujeitos atípicos. Esses dados comprovam a hipótese inicial de que não somente a hipossegmentação ocorre ainda no segundo segmento do ensino fundamental, como a sua ocorrência permanece notavelmente mais frequente entre os sujeitos atípicos.

É de se supor que a marcante porcentagem de sujeitos típicos que chegam ao segundo segmento do ensino fundamental realizando hipossegmentação ocorre devido à falta de uma formação mais sólida na alfabetização e no fundamental I. Se comparados aos alunos que não realizaram nenhum caso de hipossegmentação, verificar-se-á que estes apresentam melhores notas tanto nas provas, revelando sua capacidade na interpretação dos enunciados e na elaboração de respostas concisas e coerentes, quanto nas produções textuais, demonstrando uma organização textual mais madura, com ideias coesas e coerentes entre si. Sua capacidade comunicativa é também evidente uma vez que se expressam oralmente em sala de aula com mais clareza e objetividade que os demais.

No caso dos sujeitos que apresentam um quadro de desenvolvimento atípico, as ocorrências de hipossegmentação chegam a 100% devido à própria atipicidade. De acordo com Stampa (2009), as populações consideradas atípicas podem apresentar uma falta de consciência fonológica de acordo com os processos cognitivos das respectivas atipicidades, o que reflete diretamente na consciência silábica, justificando as produções de hipossegmentação.

O aluno que apresenta um quadro de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) expõe as ocorrências mais singulares como *sinporque* "sim porque", *pede moleque* "pé de moleque" e *sotinha* "só tinha". De acordo com Albuquerque et al (2012, p. 276), "...no componente de acesso dos portadores de TDAH, podemos afirmar que estes sujeitos possuem um problema linguístico intrínseco". Ainda segundo os autores, esse problema pode estar relacionado a outro que é o da inibição comportamental, que afeta de certa forma a memória de trabalho no processamento linguístico.

É meritório evidenciar que o aluno com dislexia apresenta na escola um laudo no qual consta um diagnóstico de uma escrita toda hipossegmentada por parte do discente que passa por tratamento desde o quarto ano do ensino fundamental. Atribui-se, por conseguinte, um número de ocorrências de hipossegmentação relativamente baixo na pesquisa ao

tratamento pelo qual o aluno passou, diferentemente dos demais.

É relevante ressaltar que ocorrências como “agente” em vez de “a gente” e “porque” no lugar de “por que” não foram consideradas como dados por se tratarem de homônimos homófonos e muito provavelmente não fazer parte do conhecimento dos alunos a diferença de sentido entre essas formas nessa etapa do ensino.

As ocorrências de hipossegmentação foram determinadas também pelas tipicidades que possam medir a aplicação da regra no universo de contextos favoráveis como sintagmas nominais com determinante, sintagmas preposicionados, pronomes oblíquos com verbos hospedeiros e conectores, a fim de se verificar, através de dados marcados que tenham pujança, se algum desses sintagmas é mais propenso à hipossegmentação do que outros, haja vista a relação entre esses diferentes sintagmas e os alunos considerados típicos e atípicos além de cada atipicidade.

Observa-se que nos sintagmas nominais as ocorrências de hipossegmentação são mais frequentes entre os típicos – 83% do que entre os atípicos – 31%. Percebe-se também que quase todas as ocorrências dos atípicos, com uma exceção (“seuspais”), são compostas por artigo e substantivo (“osanimais”, “o jantar”, por exemplo) em contraposição aos típicos que hipossegmentam também artigos, no entanto, não somente com substantivos, como também com conjunções (“oque”) e pronomes (“asua”). É discrepante o emprego de “oque” entre os típicos em relação aos atípicos que apresentaram apenas um caso. A alta ocorrência dessa expressão pode-se justificar por formar funcionalmente uma única palavra interrogativa, que não compete mais com “que” interrogativo para muitos falantes. Deve-se notar ainda que, entre as atipicidades, a hipossegmentação “osanimais” constitui uma nova sílaba /za/ que ocorre com frequência na fala e é refletida na escrita. De acordo com Oliveira (2005), fala-se por unidade de acento, mas se escreve por unidades de sentido. A hipossegmentação ocorre justamente quando se transpassa para a escrita as unidades de acento, formando-se, assim, as “palavras fonológicas”.

Constata-se que, embora em menor proporção, os casos de hipossegmentação continuam sendo mais frequentes entre os estudantes de desenvolvimento atípico, sendo a relação de 68% para os típicos e 100% para os atípicos nos sintagmas preposicionados, os quais compõem a maioria dos casos de hipossegmentação analisados – 43%. Entre os alunos de desenvolvimento atípico, é mais corrente a hipossegmentação entre preposição/cominação e substantivo. Já entre os alunos típicos, veri-

fica-se a maior frequência da hipossegmentação da locução adverbial “derrepente”, a qual ocorre, inclusive, muitas vezes, em textos de alunos no ensino médio e em alguns casos mais particulares na graduação, por falta de consciência gramatical. Há de se atentar para a hipossegmentação de tal estrutura realizada por determinado aluno típico que, ao contrário dos demais, ao justapor os segmentos na escrita, não dobra a consoante “r”, alterando, dessa forma, a representação ortográfica esperada para esse fonema, chamado tradicionalmente de “r forte”, para consoante tepe alveolar sonora [r], embora não o faça na sua fala. Ainda em relação ao mesmo sujeito, pode-se dizer que ao hipossegmentar “d’água” (“dágua”) simplesmente faz a transposição da fala para a escrita.

Outra ocorrência que chama a atenção é a hipossegmentação de pé de moleque – “pede moleque”, realizada pelo aluno que apresenta um diagnóstico de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). Nesse caso, a hipossegmentação é diferente das demais, pois a preposição está agregada ao item anterior, que não faz parte do sintagma preposicional (de moleque).

Nota-se que, ao contrário do que se vinha encontrando, no caso dos sintagmas verbais, a porcentagem de alunos típicos que realizam a hipossegmentação – 25% – é maior que dos alunos considerados atípicos – 15%. Isso ocorre devido à marcante presença da hipossegmentação “tenque”, a qual é um reflexo da fala tanto monitorada, quanto não monitorada do usuário da língua portuguesa do Brasil. É, atualmente, uma forma pronunciada como uma gíria pelos jovens, formando um grupo de força no qual o segmento “tem-” se torna a sílaba tônica da palavra hipossegmentada. Um dos sujeitos atípicos produziu hipossegmentação através do processo fonológico de ditongação: “eacrescentava”, processo esse muito comum também na fala. Por outro lado, outro sujeito atípico produziu uma monotongação acompanhada de uma desnasalização em: “nopode”. A hipossegmentação mais singular foi apresentada pelo aluno TDAH – “sotinha” – por se tratar da união de dois segmentos tônicos. O que acaba por contrariar a teoria encontrada em Oliveira (2005) que sinaliza o uso de clíticos em sintagmas hipossegmentados na fala, dada a característica daqueles de se apoiarem em vocábulos com acento fonológico por não possuírem autonomia fonológica. Pode-se atribuir essa hipossegmentação à extensão da palavra monossilábica, pois quase sempre são monossílabos que se agregam. É possível que o aluno perceba que a maior parte das palavras do português tem mais de uma sílaba.

Quanto às locuções verbais, foram encontrados apenas dois casos

de hipossegmentação, ambos com alunos atípicos, sendo, portanto, a frequência relativa de 0% para típicos e 33% para atípicos. Esse tipo de hipossegmentação também vem a contrariar a teoria dos clíticos, encontrada em Bisol (2007), como segmentos propensos a esse processo fonológico, uma vez que ambos os segmentos da locução verbal são tônicos. Poderia ser justificado, mais uma vez, pela extensão da palavra e /ou por falta de consciência gramatical assim como demais casos analisados. É possível perceber na prática de sala de aula que na maioria das vezes o aluno do sexto ano não tem conhecimento morfológico de que o pronome pessoal átono não faz parte do verbo e, portanto, deve ser escrito separadamente da forma verbal.

Constata-se que 0,2% dos alunos típicos e 50% dos alunos com desenvolvimento atípico apresentaram hipossegmentação com conectores, inclusive, alguns casos ímpares, como “masomenos”, “sinporque”, “entãoele”, os quais não constituem palavras prosódicas por apresentarem segmentos com acento fonético. Esses dados permitem uma percepção de que os processos de hipossegmentação entre típicos e atípicos são distintos entre si.

As hipossegmentações “tenque”, “derrepente”, “tabom” e “oque” se repetiram mais enfaticamente entre os alunos típicos. Tais evidências estão relacionadas à falta de consciência gramatical consequente da falha na qualidade do processo de aquisição da escrita.

A tabela I apresenta as porcentagens de ocorrências por sujeitos típicos e atípicos conforme as tipicidades encontradas.

Sintagmas nominais com determinantes	Típicos	83%
	Atípicos	31%
Sintagmas preposicionados	Típicos	68%
	Atípicos	100%
Sintagmas verbais	Típicos	25%
	Atípicos	15%
Locução verbal	Típicos	—
	Atípicos	33%
Pronome pessoal átono/verbo	Típicos	7,8%
	Atípicos	8,5%
Conectores	Típicos	0,2%
	Atípicos	50%

A tabela II aponta o número de ocorrências por atipicidade e tipicidade. Foi baseada nas amostras que revelaram um sujeito A diagnosticado com déficit de aprendizagem como aquele que apresenta um maior

número de hipossegmentação – 13 casos. Seguido respectivamente pelo sujeito B – déficit de aprendizagem – que revelou 10 ocorrências, pelo sujeito C – déficit de aprendizagem – 8 casos, pelo sujeito D – transtorno de déficit de aprendizagem e hiperatividade – 7 casos, pelo sujeito E – dislexia – 5 ocorrências e, por fim, pelo sujeito F – déficit de aprendizagem – 3 ocorrências.

Déficit de aprendizagem	Sintagmas nominais	3
	Sintagmas preposicionados	13
	Sintagmas verbais	8
	Pronome pessoal átono + verbo	6
	Conectores	4
TDAH	Sintagmas nominais	–
	Sintagmas preposicionados	3
	Sintagmas verbais	1
	Pronome pessoal átono + verbo	–
	Conectores	3
Dislexia	Sintagmas nominais	2
	Sintagmas preposicionados	1
	Sintagmas verbais	–
	Pronome pessoal átono + verbo	1
	Conectores	1

Tabela II – Número de ocorrências por atipicidade e tipicidade

Buscou-se comparar a variável idade distribuindo os alunos participantes da pesquisa em dois grupos: o primeiro com idade entre 11 e 12 e o segundo entre 13 e 14 anos.⁸⁷ Como se pode observar, de uma maneira geral, contabilizando alunos típicos e atípicos, as ocorrências de hipossegmentação na escrita tendem a diminuir de 63% para 37% com o avanço da idade.

No caso dos alunos com desenvolvimento atípico encontra-se uma equiparação entre as faixas etárias, mostrando uma condição estacionária no que concerne à atenuação dos casos de hipossegmentação na escrita desses alunos específicos.

O fato de as ocorrências de hipossegmentação diminuir consideravelmente conforme o avanço da idade nos sintagmas preposicionados, assim como nos demais, com exceção dos sintagmas nominais, pode-se justificar pela aquisição da consciência gramatical. Por outro lado,

⁸⁷ A variável sexo/gênero não foi apresentada em gráficos ou tabelas por haver na pesquisa apenas um aluno atípico do sexo feminino, tornando-se, tão logo, uma variável difícil de controlar e que poderia deturpar o foco do estudo, a investigação das referentes atipicidades.

o crescente número de casos nos sintagmas nominais pode estar diretamente relacionado à formação de palavras prosódicas.

5. Intervenção pedagógica

Com base nos dados apresentados que revelaram um marcante número de ocorrências de hipossegmentação por parte dos alunos típicos e atípicos, propõe-se um trabalho de intervenção pedagógica fundamentado na teoria da consciência fonológica, tendo como meta a solução dos casos de hipossegmentação presentes na escrita de alunos do segundo segmento do ensino fundamental, principalmente no que diz respeito aos alunos diagnosticados com algum desenvolvimento atípico.

A atenção aos alunos com necessidades educacionais especiais e a integração daqueles com deficiência em classes comuns no ensino regular requerem organização diferenciada do ponto de vista pedagógico e administrativo. Trata-se, portanto, de objetivo complexo, desafio para uma pedagogia contemporânea na esfera do Brasil, da América Latina e de todos os países com baixo rendimento. (MOLLICA, SILVA & BATISTA, p. 3)

O processo de inclusão ocorreu e ainda ocorre no Brasil sem o desenvolvimento de uma proposta pedagógica que, de fato, busque fazer funcionar a sala de aula inclusiva como esperado e projetado pela lei nº 13.146 de 2015. O que se encontra, na grande maioria das escolas públicas brasileiras, são alunos com necessidades especiais de aprendizagem matriculados em salas de aula comuns, com metodologias arcaicas e professores despreparados. Não basta que um aluno considerado atípico frequente uma sala de aula para que se possa dizer que naquele ambiente há inclusão escolar.

É neste cenário que se instala o movimento cuja meta é de atenuar e, se possível, banir uma parcela historicamente excluída da sociedade que se quer mais igualitária, distanciando-se em muito da educação pretendida neste terceiro milênio. (MOLLICA; SILVA & BARBOSA, 2013)

Faz-se urgente a criação de uma política de educação que vise uma inclusão de qualidade, com professores capacitados para lidar com as diferenças.

No caso do processo fonológico objeto de estudo desta pesquisa, é preciso que o professor tenha conhecimento nas áreas da fonética e da fonologia para entender que as ocorrências de hipossegmentação não constituem erro, mas sim revelam que o aluno está passando por um processo, e que é preciso que se criem estratégias pedagógicas que o auxili-

em. Em conformidade com Stampa (2011, p. 9),

Crianças que apresentam dificuldades em processar os estímulos sonoros da fala poderão apresentar dificuldade em segmentar e manipular a estrutura fonológica da linguagem oral e, conseqüentemente, estarão sujeitas a apresentar dificuldades de leitura e escrita.

Torna-se indispensável uma conexão entre o meio acadêmico e as escolas de educação básica, pois quase sempre o universitário sai dos cursos de licenciatura sem saber aplicar as teorias aprendidas à prática da sala de aula, sobretudo quando se trata de alunos que apresentam alguma atipicidade. No Brasil, o professor, como consequência dessa falta de preparo associada à desvalorização que sua profissão adquire com o passar das décadas, atua, muitas vezes, por seu instinto e sensibilidade junto ao aluno atípico, o que pode ou não trazer resultados eficazes. Bortoni-Ricardo discorre a respeito dessa cultura pedagogicamente sensível e intuitiva na educação brasileira. Cursos de extensão poderiam ser oferecidos, por parte dos órgãos responsáveis, a esses profissionais que têm a vontade de contribuir para o progresso de seu aluno, mas não são capacitados para isso.

A consciência fonológica precisa ser o ponto de partida na elaboração das atividades que objetivam solucionar as ocorrências de hipossegmentação na escrita dos alunos do ensino fundamental. No segundo segmento, o discente já revela o conhecimento de que a fala apresenta unidades menores como frases, palavras, sílabas e fonemas, representados na escrita por letras. No entanto, nem sempre consegue realizar em sua escrita a devida separação entre essas unidades.

Soares (2003) afirma que as representações gráficas se associam aos sons que representam. Atesta, contudo, que a técnica (associar som/grafia) só faz sentido se aplicada em situações reais de uso. Para isso, o professor precisa socializar o conhecimento prévio de seu aluno para gradativamente ajudá-lo a desenvolver a sua consciência fonológica, solucionando os casos de hipossegmentação. A autora propõe o ditado como uma fonte rica de exploração da escrita, desde que o professor tenha os seus objetivos definidos e problematize as respostas dos alunos, conduzindo-os ao raciocínio sobre a escrita convencional.

Stampa (2011, p. 3) defende a estimulação auditiva como impulso ao cérebro na formação de conexões como retorno às demandas às quais é submetido.

É o princípio da neuroplasticidade, que vem sendo tema de estudo em vários trabalhos e pesquisas, que nos remete à ideia de que a repetição de uma mesma tarefa, favorece o aumento do número de sinapses presentes nos circuitos neuronais envolvidos, indicando uma correlação neurofisiológica com o aprendizado. Como exemplo, assim como uma prática de um instrumento aumenta sua competência nesta execução, a estimulação e repetição de estratégias que requerem habilidades auditivas auxiliam seu desenvolvimento. (STAMPA, 2011, p. 3)

A autora sustenta que a aprendizagem auditiva tem início desde a infância, quando começa o reconhecimento, a localização e a discriminação dos sons, processo em maturação que irá se tornar a base da palavra falada e escrita.

O refinamento desse processo depende da estimulação feita desde os primeiros anos de vida. Crianças de meios desfavorecidos, onde não há nenhum estímulo ou onde os estímulos não são adequados, certamente revelarão problemas na discriminação auditiva, ao ingressarem na escola, refletindo-se isso principalmente na alfabetização. (STAMPA, 2011, p. 11)

Stampa (2011) apresenta algumas propostas de intervenção pedagógica que auxiliam no processo de aquisição da consciência fonológica por parte dos alunos. Os exercícios apresentados pela pesquisadora em muito contribuem para a solução dos casos de hipossegmentação.

Partindo-se das propostas de Soares (2003) e Stampa (2011), elaboram-se algumas atividades direcionadas ao sexto ano do ensino fundamental que buscam amenizar os casos de hipossegmentação na escrita dos alunos com base nos resultados encontrados neste estudo.

5.1. Propostas de atividades

1. Ditado.

- a) O (pausa) menino (pausa) estudou (pausa) muito.
- b) Toda (pausa) criança (pausa) tem (pausa) seus (pausa) direitos.
- c) As (pausa) aves (pausa) voam (pausa) muito (pausa) alto.
- d) O (pausa) sol (pausa) apareceu (pausa) nessa (pausa) manhã.
- e) As (pausa) crianças (pausa) começaram (pausa) a (pausa) gritar.
- f) As (pausa) luzes (pausa) se (pausa) acenderam (pausa) de (pausa) repente.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

No caso dessa atividade, é interessante que, com o caminhar das aulas, o professor possa repetir o processo até o momento em que julgar pertinente realizar o ditado sem a marcação das pausas. Ao término, poderá recolher os ditados dos alunos e redistribuí-los entre os colegas de classe para que um possa corrigir o do outro. Em seguida, aconselha-se que cada aluno receba de volta o seu exercício para reescrevê-lo de modo a solucionar as questões ortográficas necessárias.

2. Resolva o criptograma abaixo:

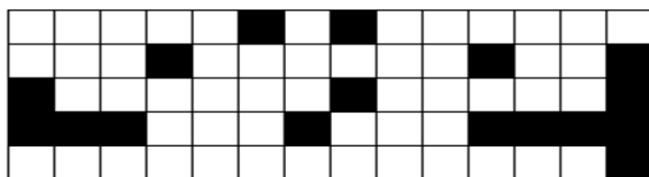
A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	Z			
			26	15								2		11														
<u>O</u>			<u>M</u>			<u>O</u>			<u>Í</u>			<u>M</u>			<u>E</u>			<u>D O</u>										
11	12		7	2	5	22	11	12		12	7		17	7	2		7	19	17	15	12	12	7	26	11	12		
<u>O M</u>		<u>M E D O</u>		<u>D</u>		<u>E</u>		<u>E</u>		<u>E</u>		<u>O M</u>																
6	11	2		2	15	26	11		26	7	12		15	24	6	13	15	24	18	15	12		6	11	2	23	24	12
			<u>D E</u>						<u>D E</u>																			
			24			7			6			5			26			7			26			15				

(OS AMIGOS SAÍRAM APRESSADOS COM MEDO DAS ENCHENTES COMUNS NA CIDADE)

3. Coloque em ordem as frases abaixo de modo que façam sentido.

- a) coroa sua a perdeu rainha a.
- b) viu o cara assassino um.
- c) suspeito uma segurava o faca.
- d) água seus beberam sua pais.
- e) as animais amam crianças os.
- f) caiu menino o berço ontem do.

4. Descubra a frase completando os quadrados em branco com a relação de letras expostas abaixo:



 E L A
 E B M E N A Ê N G S
S H S D T E M V O S T A E
D O O R E R S S U U I O M
D O S P O V I P O R C I A M

(DESDE A ORIGEM DOS TEMPOS OS HOMENS LUTAM POR SUA SOBREVIVÊNCIA)

6. *Considerações finais*

Os dados analisados nesta pesquisa comprovam as hipóteses iniciais de que: (a) a hipossegmentação ocorre ainda no segundo segmento do ensino fundamental, revelando uma frequência de 78% entre os sujeitos investigados; (b) a hipossegmentação com os clíticos é realizada tanto por alunos típicos quanto por atípicos; (c) é maior a quantidade de emprego por alunos atípicos; (d) os sujeitos atípicos realizam a hipossegmentação não somente na formação de palavras prosódicas, mostrando uma acentuada ocorrência de hipossegmentadas com conectores; (e) as ocorrências de hipossegmentação tendem a diminuir com o avanço da idade, salva exceção dos alunos diagnosticados com algum desenvolvimento atípico, os quais demonstraram, através dos dados, um *status* estável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Bernardete M. Problemas e perspectivas da alfabetização no Brasil. In: *Anais do Encontro de Alfabetizadores*. Juiz de Fora: Edufjf, 1991, p. 11-21.

_____; FIAD, Raquel Salek; SABINSON, M. L. M. *Cenas de aquisição da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1997.

ALBUQUERQUE, Guiomar. *Processamento da leitura em portadores*

de TDAH. 2003. Dissertação (de mestrado). – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.

_____. et al. Processamento da linguagem no transtorno do déficit de atenção e hiperatividade – TDAH. (Language Processing in Attention Deficit Hyperactivity Disorder – ADHD). Rio de Janeiro: D.E.L.T.A., vol. 28, n. 2, p. 245-280, 2012.

BISOL, Leda. Sândi externo: o processo e a variação. In: KATO, Mary (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP, vol. 5, 1996, p. 55-94.

_____. A palavra fonológica pós-lexical. In: MOLLICA, M. C.; GUIMARÃES, E. (Orgs.). *A palavra: forma e sentido*. Campinas: Pontes/RG, 2007.

CAPOVILLA, A.; CAPOVILLA, F. *Alfabetização: método fônico*. São Paulo: Memnon, 2002.

CUNHA, Ana Paula Nobre; MIRANDA, Ana Ruth Moresco. A influência da hierarquia prosódica em hipossegmentações da escrita de crianças de séries iniciais. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Edição especial n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_1_a_influencia_da_hierarquia_prosodica.pdf>.

DEUSCHLE, Vanessa Panda; CEHELLA, Cláudio. O déficit em consciência fonológica e sua relação com a dislexia: diagnóstico e intervenção. *Rev. CEFAC*, São Paulo, vol. 11, supl. 1, p. 194-200, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v11s2/16-08.pdf>>.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

LEAL, T. F.; ALBUQUERQUE, E. B.; LEITE, T. M. R. Jogos: alternativas didáticas para brincar alfabetizando (ou alfabetizar brincando?) In: MORAIS, A. G. (Org.). *Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

LIMA, C. C.; ALBUQUERQUE, G. Avaliação de linguagem e comorbidades com transtornos de linguagem. In: ROHDE, L. A.; MATTOS, P. (Eds.). *Princípios e práticas em transtorno de déficit de aten-*

ção/hiperatividade. Porto Alegre: Artmed, 2003, p. 117-142.

MOLLICA, Maria Cecília. *Da linguagem coloquial à escrita padrão*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

_____; SILVA, C. A. P. P. G. O letramento de sujeitos típicos e atípicos. In: PALOMANES, Roza; BRAVIN, Angela Marina (Orgs.). *Práticas de ensino do português*. São Paulo: Contexto, 2012, vol. 1.

_____; SILVA, C. P. G.; BATISTA. Em busca de novo paradigma nas ciências humanas. *Revista Interfaces*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes. Rio de Janeiro: UFRJ/CLA, ano 20, n. 21, 2014.

MOUSINHO, R. O desafio de educar: lidando com os problemas na aprendizagem e no comportamento. *Revista Sinpro-Rio*, Ano IV, n. 5, 2010.

PAVÃO, Vânia. Dislexia e disortografia: a importância do diagnóstico. *Instituto de gestalt-terapia e atendimento familiar na rede*, vol. 2, n. 3, 2005. Disponível em:

<https://www.igt.psc.br/artigos/dislexia_e_disortografia_a_importancia_do_diagnostico.htm>.

PINTO, Cibele Lemos; TAVARES, Elenice Maria. O lúdico na aprendizagem: aprender e aprender. *Revista da Católica*, Uberlândia, vol. 2, n. 3, p. 226-235, 2010. Disponível em:

<<http://www.catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv2n3/15-pedagogia.pdf>>.

REGO, L. L. B.; BUARQUE, L. L. Consciência sintática, consciência fonológica e aquisição de regras ortográficas. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, vol. 10, n. 2. Porto Alegre, 1997. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721997000200003>.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. In: *Anais da 26ª Reunião Anual da ANPEd*, em outubro de 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>.

STAKE, R. *The art of case research*. Newbury Park, CA: Sage Publications, 1995.

STAMPA, M. *Aquisição da leitura e da escrita: uma abordagem a partir da consciência fonológica*. Rio de Janeiro: WAK, 2009.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Aprendizagem e desenvolvimento das habilidades auditivas. Entendendo e Praticando*. Estimulando a Aprendizagem através das Habilidades Auditivas. Da teoria a prática. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

YIN, R. *Case study research: design and methods*. London: Sage, 1984.